

Entrevista n.º 3, realizada em 04/10/2005

Flávio: Estou aqui com mais um dos entrevistados da Rede Municipal de Barueri que irá nos ajudar com um depoimento e alguns esclarecimentos para levantamento do histórico do ensino de Filosofia nessa Rede. Vou fazer algumas questões e de acordo com as questões nós iremos trabalhando. Desde quando você está na Rede?

Entrevistado 3: Eu estou na rede desde 1998. falando de material, quando eu entrei na rede não havia nenhum material. O pessoal trabalhava alguma coisa, alguns professores haviam feito o curso do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças e outros não, alguns eram formados em Filosofia, outros não. Em 98, logo que eu comecei, depois de uns dois meses, não me lembro mais, a prefeitura pagou um curso de Filosofia para Crianças do CBFC, pagou *Issao e Guga e Pimpa* para todos os professores da Rede – era um grupo pequeno, não davam nem vinte professores. Os coordenadores participaram também, alguns orientadores; a Rede estava começando, né? ... pagou esse curso para nós. A partir disso o material do curso não foi entregue diretamente aos professores, foi entregue às escolas que tinham Filosofia e depois houve uma preocupação em passar esse material para os alunos, os livros com as novelas filosóficas, mas não houve continuidade do trabalho. Isso foi em 98, 99, onde trabalhamos em cima disso e nós tivemos algumas reuniões de professores para analisar o desenvolvimento.

Nessas reuniões vimos o seguinte: que a idéia do material era interessante, a idéia do Centro Brasileiro que passavam para nós era interessante, mas por um lado havia a impressão que era muito cansativas as novelas filosóficas; os conteúdos trabalhados na novela – porque tem a novela filosófica e tem o material de apoio com sugestões para trabalhar com os temas propostos pelas novelas – chegamos à conclusão de que a novela era muito fora da nossa realidade. Por exemplo: para 2ª série tinha uma parte que falava que o menino entra na banheira, fica brincando com “*ice-berg*”. Isso é totalmente fora da nossa realidade. Nossas crianças não tem nem banheira, mal tem o chuveiro, e “*ice-berg*” então, não tem nem noção do que é. A gente começou a trabalhar com a questão de desenvolver as idéias do trabalho, do material do CBFC mas não utilizar a novela em si. De vez em quando trabalhar partes das novelas, mas procurando engajar textos que tivessem o mesmo enfoque dentro de nossa realidade.

F.: Você estava na rede desde 98. A Filosofia começou em 98?

E3.: Não, em 97. Já tinham sete ou oito professores.

F.: Você sabe me dizer quem era o Secretário da Educação na época?

E3.: Celso Furlan. Foi ele quem implantou, inclusive, a Filosofia.

F.: Você saberia me dizer se por de trás de se colocar a Filosofia havia a intenção de que ela estivesse na grade pelos bens que ela pode trazer à educação, ou era vista com outros olhos?

E3.: Eu penso que como estava começando o processo de municipalização e segundo ele, ele viu a Filosofia numa escola particular e gostou do trabalho, como era feito. Então ele queria transformar a rede aqui como se fosse um modelo, semelhante à escola particular. Daí ele implantou Filosofia, Música, Educação Artística, Educação Física com professores de 1ª a 4ª séries, para que fosse equivalente ao ensino de uma escola particular. Essa era a idéia dele, inicialmente: que as escolas tivessem qualidade – foi isso que ele passou na época. Também tendo Filosofia e essas outras disciplinas é *status* para a prefeitura. Quando você comenta que dá aula de Filosofia na 3ª ou 4ª série em Barueri as pessoas se assustam, causa um impacto. Isso na minha opinião também gera votos, querendo ou não, gera.

F.: Você vê também um interesse eleitoral?

E3.: Um interesse eleitoral.

F.: E do ponto de vista do conteúdo filosófico em si?

E3.: Quando eles colocaram eles queriam que o professor de Filosofia fosse aquele cara que viesse a acalmar as crianças. A idéia dele, na minha opinião, é como se fosse o antigo *Estudos Sociais* ou *Educação Moral e Cívica*, aliás. Não *Estudos Sociais*, mas *Educação Moral e Cívica*: ensinar regras, respeitar as coisas, respeitar a bandeira, respeitar os símbolos nacionais. Com o tempo ele viu que isso não aconteceu. Começamos a trabalhar com questionamentos, fazendo com que as crianças comessem assim a pensar, ter uma visão um pouquinho mais ampla das coisas, não se maravilhar totalmente com o que acontece aqui em Barueri; começar a ter uma visão um pouquinho mais ampla, fazer crítica, ver o “por quê” das coisas, então, começamos a trabalhar em cima disso.

F.: Você já está descrevendo então um movimento onde no início se queria explorar um modelo, segundo o secretário, e você vê outras coisas nisso. Você também já disse de um passar do tempo onde vocês foram trabalhando numa linha mais independente do CBFC e até mesmo das vontades iniciais que haviam por detrás da implantação da disciplina...

E3.: O material do CBFC a gente acabou abandonando. Uma boa parte dos professores tem o curso de Filosofia, outra parte não tem o curso. Um ou outro que fez à parte pagou o curso. Também não é um curso muito barato de você estar custeando, né? Aí nós começamos a trabalhar numa linha independente do que a prefeitura queria.

Esse ano teve uma reunião com o Secretário que atualmente é o Celso Furlan, e ele colocou que não queria a linha que a gente estava trabalhando. Ele colocou na reunião assim: “*não sei por que tanto ‘por quê?’*”. Ele colocou bem com essas palavras. Daí nós colocamos que nós queremos que as crianças questionem, analisem, pensem, para daí tomarem as decisões. Talvez da idéia que ele tinha, até ele falou: “a idéia inicial que eu tinha da Filosofia não é o que está acontecendo. Então eu quero que mudem algumas coisas”. E a gente está trabalhando aí. Numa reunião ele fala que quer tirar a Filosofia, noutra reunião ele fala que continua do mesmo jeito. Agora não sei qual a visão que ele tem, né?

F.: Você está me falando desse movimento, claro que esse movimento não aconteceu de um dia para o outro. Desde 97 até nossos dias já se passaram oito anos de trabalho com a Filosofia. Você poderia me descrever um histórico da caminhada da disciplina dentro da rede, procurando abarcar também questões estruturais que permitiram à Filosofia avançar em alguns pontos.

E3.: De 97 eu não posso falar muito. Pelo que eu posso notar com os colegas, cada um trabalhava para si. Cada um tinha uma idéia do que era Filosofia para crianças e estava trabalhando. Uns tinham o curso de Filosofia e outros não. Em 98, começou da mesma maneira: cada um tentando trabalhar da sua maneira o que era Filosofia. Eu e outros professores formados em Filosofia estamos acostumados com Ensino Médio e quando passamos no concurso e era para o primário foi aquele impacto, não sabíamos o que fazer. Fomos pesquisar e naquela revista *Nova Escola*. Saiu uma reportagem sobre o que era Filosofia para Crianças, mostrando as idéias que se trabalhava, onde percebemos que tinha o CBFC... foi o ponto chave para que começássemos alguma coisa. Daí a prefeitura deu o curso e em 98 e 99, trabalhamos em cima do CBFC. Aí nos fizemos essas ponderações. No primeiro ano, em 98, todo mundo começou a trabalhar as novelas. Ficou até aquele rótulo de que o que

trabalhava na quarta série era o “ professor Pimpa”, não era o professor de Filosofia ou de acordo com os nomes das personagens. Vimos que não estava dando muitos resultados por se ter uma novela distante da realidade dos alunos. Foi então, em 99, que começamos a trabalhar com o caderno de apoio do CBFC, mas criando outros textos. Abandonamos então as novelas porque vimos que não estava dando resultado; estava se tornando cansativo, massante. Daí começamos a criar outros textos, outras coisas. Daí, em 2000, nós nos reunimos e montamos um plano comum de trabalho, para que o aluno, ao mudar de uma escola para outra e um professor estar trabalhando “x” e outro “z” em escolas diferentes.

Em 2001 se tornou mais real o negócio. Daí trabalhamos em 2001, 2002, 2003 em cima do *Plano Comum*. Em 2004 apareceu a questão da apostila. Foi feito um acordo com a Filosofart, nós tínhamos o nosso coordenador e daí se deu o surgimento do CAP (Centro de Aperfeiçoamento dos Professores), um prédio onde haviam salas com bibliotecas e cada disciplina tinha um formador. No nosso caso foi o (nome) que foi escolhido para ser o coordenador de Filosofia. Em cima desse Plano Comum, que foi sendo remodelado, que resultou nos *Descritores*, foi pedido que eles, a Filosofart, montassem a apostila em cima do que havíamos trabalhado. Muita coisa da apostila ficou parecido com o que queríamos, outras ficaram totalmente erradas, tanto que a Filosofia foi o grupo que mais deu problema para a Filosofart. Chamamos as pessoas da equipe pedagógica deles, chamamos as autoras que não vieram, somente a equipe pedagógica. Vou dar um exemplo: eu tive uma discussão com a moça da Filosofart porque na primeira série do ano de 2004, veio um conteúdo que nós trabalhamos na terceira, que seria a questão dos direitos e deveres das crianças do Estatuto do Homem. Nós trabalhávamos isso na 3ª e eles colocaram isso na 1ª. A maneira que eles colocavam essas coisas e a linguagem que eles colocavam na apostila nós começamos a questionar. Eu questionei: “olha esse tipo de letra?”. O conteúdo era formar juízos de valor, o que nós trabalhávamos, de acordo com o nosso plano, na 3ª. Eles colocaram isso na 1ª série. Ela alegou que eu não podia subestimar meus alunos, mas eu não estou subestimando. Agora me responda uma coisa: Um aluno da 1ª série é capaz de formar um juízo de valor? Ela ficou sem resposta.

F.: Você diz o juízo de valor em qual área da Filosofia? A lógica?

E3.: Da Lógica e também no que diz respeito ao que é certo e errado. Às vezes a criança está fazendo um negócio que é errado mas para ele, criança de 1ª série é certo. Colocamos algumas questões a ela, que ficou de mudar algumas coisas. Isso foi na primeira apostila que veio. Na segunda mudou as autoras. O material também não ficou muito bom...

F.: Você diz segundo...

E3.: O material da segunda unidade letiva. Mudaram esse daí, chamaram a gente de novo e não ficou bom de novo. Na terceira unidade letiva também veio outro que também não ficou tão bom.

Em 2004 nós realizamos um encontro de Filosofia, como se fosse um congresso, organizado por nós mesmos. Não tivemos nenhum apoio da prefeitura, foi feito em cima do que a gente conhecia dos professores que se tinha contato nas universidades que podiam vir dar palestras pra gente. Alguns amigos da gente que tinham mestrado também deram palestras. Fizemos um tipo de Simpósio de Filosofia. A prefeitura não ajudou em nada. O CAP só apoiou em termos de ceder o espaço. Nisso aí, nós trouxemos também a professora Mariana Lacombe, que fez uma palestra boa. Aí foi feita uma reunião no fim desse ano nos perguntando quem nós queríamos que fosse a autora do material de Filosofia. A maioria do pessoal sugeriu a professora Mariana Lacombe para que fizesse o material de 2005. Ela fez o material, nós realizamos uma reunião com ela no início, muita coisa do material dela nós recusamos porque não estava legal como a gente imaginava que deveria ser. Pedimos para que

ela refizesse porque ela escreveu como se fosse para professor. Tinha que mudar a linguagem, os termos, o enfoque. No meu entender ainda não está bom, não é o que estamos almejando ainda, embora tenha melhorado bastante.

F.: Você chegou para mim até o ano de 2004. Já falamos do material, já falamos do Simpósio que vocês realizaram em Barueri. Você disse que havia um coordenador em cada área e esse coordenador fazia algumas atividades. Qual era a função desse coordenador? Como eram organizados os encontros com os professores?

E3.: Os encontros eram semanais. No nosso caso era às quartas-feiras com uma turma de manhã e outra a tarde. A função dele era direcionar o nosso trabalho em cima do material. E outras sugestões. Ele trazia sugestões de atividade e nós em cima da apostila debatíamos o que estava errado e certo. Alguns professores expunham como trabalhavam tal conteúdo da apostila. Geralmente girava em cima de discussões do que era trabalhado em sala de aula.

F.: Em 2004 as reuniões eram semanais?

E3.: Semanais. Essa era a função dele. E também trazer materiais novos para trabalharmos e enriquecendo a Filosofia, não deixar perder o eixo da Filosofia. O principal objetivo nosso no ano passado era mostrar a importância e o “por quê” da Filosofia na rede. E isso era sempre colocado, para que futuramente não se venha a tirar Filosofia de 1ª a 4ª. Foi feito um trabalho nesse sentido e o Simpósio foi uma forma de mostrar a importância da Filosofia para crianças.

F.: Já que você está falando das reuniões e do Simpósio, que é novo isso em relação ao trabalho de Filosofia com crianças, ainda mais numa rede pública. Você disse que não teve apoio financeiro da prefeitura para fazer o Simpósio. Ao mesmo tempo que não houve apoio financeiro, tiveram professores de universidades que vieram e nós sabemos que isso é oneroso. Quem financiou os professores?

E3.: Quem financiou fomos nós mesmos. Por exemplo: Teve uma professora que veio do interior e nós pagamos o combustível e o pedágio.

F.: E ela cobrou?

E3.: Não. Ela veio gratuitamente. Outros professores nós fomos buscar e levamos de volta. Toda questão de despesas foi por nossa conta, mas relacionado à questão do transporte e da alimentação das pessoas que vieram. A prefeitura só cedeu o espaço. Espere um pouco que vou buscar uma camiseta para você ver.

O nome do evento foi *I Fórum de Filosofia para Crianças*. Essa camiseta foi feita só para os professores. No dia do Fórum, todos os professores estavam usando essa camiseta aqui. Escolhemos a cor preta e colocamos uma frase que marcou o encontro. Distribuimos panfletos, faixas. A frase era assim: “Pensar para e com o Mundo”. Não tem nenhuma referência à prefeitura. Só foi colocado a data que foi realizado, 03/11/2004, em Barueri, e foi organizado pelo setor de Filosofia, no qual o chefe, ou melhor, o enviado a chefe, não tinha cargo de mando... foi realizado assim.

F.: Já que você está falando, como era a postura dele?

E3.: Ele não podia se impor muito, senão o pessoal quebrava ele. Se ele ficasse muito omisso, o pessoal tripudiava em cima dele. Então tinha hora que ele ficava neutro, em outros momentos ele dava a opinião dele, mas ele nunca procurava impor a opinião dele. Era uma postura mais mediadora, mesmo.

F.: Você também comentou que o Celso Furlan era o Secretário quando implantou a Filosofia e também é o atual. Nessa trajetória toda ele foi o Secretário ou houve mudanças?

E3.: Houve mudanças. Depois dele entrou a Cilene Bittencourt.

F.: Você se lembra a data?

E3.: Não me lembro... Acho que ela entrou em 2002 ou 2003, não tenho certeza.

F.: Houve alguma diferença nítida no tipo de gestão deles?

E3.: A diferença que houve é que ela que implantou as apostilas. A questão das apostilas foi com ela. Em 2004 sofremos uma pressão em cima das apostilas. Às vezes estávamos dando aula e passava o coordenador perguntando em que página estava. Então nós tínhamos que relatar. Às vezes nós fazíamos de sacanagem e dizíamos que sempre estávamos na mesma página. Porque o que nós achávamos importante das apostilas nós trabalhávamos. O que não achávamos importante, falávamos para os alunos que não iríamos trabalhar ou então colocávamos uma coisa à parte. Mas a linha mestre era de seguir a apostila. Agora que voltou o Celso, ele disse que existe a apostila e um contrato com a editora, mas que não é obrigatório mais seguir a apostila página por página. A hora que queremos usar usamos, quando não queremos, não.

F.: Pelo que eu pude entender tinha uma maior liberdade para que os trabalhos se desenvolvessem no sentido da organização dos professores, só que essa maior liberdade também era vigiada...

E3.: Esse ano ele tirou os formadores. Não tem mais os formadores, o professor (coordenador) voltou para a sala de aula. Então a gente não tem mais aquele espaço de estar trocando idéias com os colegas.

F.: Você saberia me dizer o Por quê?

E3.: não sei exatamente o motivo não. Há comentários de que ele achava que os formadores não trabalhavam, só enrolavam. Essa era a opinião dele. E realmente mandou todo mundo embora para contenção de gastos, pois para cada professor afastado tinha que colocar outro no lugar... foi o que ele falou. Não temos mais contato.

Outra coisa também que a Cilene fez também de mudança foi que ela tirou as aulas... Na época do Celso era intercalada. Eu dava aula de Filosofia e depois entrava a professora da sala, PEB I; ela dava uma aula e entrava Música, sei lá, mas era intercalada a disciplina com PEB I. Quando a Cilene entrou ela instituiu um dia exclusivo para o PEB II. O PEB I trabalhava quatro dias e o quinto dia era do PEB II. Até hoje é assim. Parece que no ano que vem ele vai mudar também, pois com essa mudança que ela fez, nós não temos espaço para trocar informação com os outros professores da sala. Hoje em dia, tem salas que eu dou aula em que eu nem conheço o professor da turma, pois não nos encontramos, por eu trabalhar em outra escola além da sede. Essa foi uma das mudanças que ela fez que no meu entender ficou ruim e gerou mais indisciplina também. Os alunos vinham naquele ritmo e quando chegava o nosso dia era oba-oba: Filosofia, Música, Educação Física... Na minha opinião a indisciplina aumentou por causa disso. Foi um fator negativo da administração da Cilene.

O Celso também tem seus pontos negativos. Quando ele começou com o curso do CBFC, todos os professores tinham o curso, os que entram depois não tinham. Então ele começou uma linha de trabalho e depois abandonou. Quem depois quisesse fazer o curso que

custeasse. A prefeitura não pagava nem permitia que ninguém se afastasse para fazer o curso. Acho que ele errou nesse ponto aí. A visão que ele tinha de Filosofia era equivocada, pensava que nós éramos a solução para a indisciplina, e essa não é a nossa função.

F.: No caso da Cilene, como você percebe a visão dela de Filosofia comparando com a visão dele?

E3.: Com a Cilene nós nunca tivemos uma reunião do grupo de Filosofia. Então ela nunca deixou transparecer claramente qual era a opinião dela sobre Filosofia. Mas o que ela passava é que ela gostava de Filosofia, que achava interessante, tinha algumas ponderações, achava que às vezes podia causar alguns problemas, mas ela nunca fez uma reunião para tratar do assunto diretamente conosco, como fez o Celso. Então eu não sei dizer se ela realmente gostava de Filosofia ou se ela tinha medo de confrontar o pessoal. Ela também não investiu em nada em Filosofia, não promoveu cursos, não facilitou também a nossa vida de ir em encontros, de desenvolver projetos.

F.: Mas do ponto de vista da política adotada para toda a rede, incluindo Filosofia, teve alguma vantagem para Filosofia nisso?

E3.: Não. É como eu te falei. É como se fosse vitrine. De 1ª a 4ª tem Filosofia, Inglês Educação Artística, Educação Física, tem Música...

F.: Quem introduziu a questão de cada disciplina com o seu formador?

E3.: A Cilene. Nesse ponto ela acertou. Só que ela colocou o formador e tirou aquela questão de ter um encontro para estar... todos os nossos CAP, dizemos assim, nossas reuniões, eram lá. Então você ficava fora da escola. Você nunca sabia o que estava acontecendo na escola, raras são as escolas que te informam. Às vezes nos perguntavam o que iria acontecer e não sabíamos. Nós ficávamos deslocados na escola, caíamos de pára-quadras, não sabíamos o que ia acontecer. Então se reuniam só os de Filosofia, só os de Inglês, de Música, mas tirou a gente da escola. Na minha opinião ela achava que os professores PEB II eram mais críticos que os PEB I e se ficassem juntos geravam problemas para o diretor da escola porque questionam muitas vezes a ordem do diretor. Então ela tirou da escola e deixava com o formador... e a batata assava na mão do formador.

F.: Então o PEB I, pelo que você está me falando tinham uma relação de passividade com os diretores?

E3.: É, me parece que sim. Não estou afirmando que é exatamente, mas que talvez seja a visão dela, pois ela deixava o PEB I se reunir em grupos na escola e a gente não se reunia, a gente não se encontrava. Esse ano tem uma vez por mês que eu fico na escola cumprindo horário sozinho, mas o que adianta? Não adianta nada. Parece que eles tem um certo receio do PEB II junto com o PEB I. como se um pudesse manipular o outro para se revoltar contra alguma coisa que não acha certo. Eu acho que é essa visão que eles tem. Na verdade temos PEB I que são ótimos, são críticos, conscientes, tem formação universitária, mas a maioria não tem aquela coisa de achar que está errado e questionar, bater de frente, discutir. São poucos aqueles que fazem. Não posso generalizar, dizer que todos são passivos, mas uma boa parte é passiva. O diretor fala e ... na minha escola acontece isso.

F.: Você já levantou o histórico dos trabalhos. Eu só gostaria de esclarecer algumas coisas que você falou em relação às datas. Em 2003 vocês tinham um trabalho que era o plano comum. Como vocês se reuniam até o ano de 2003. Eram reuniões semanais também?

E3.: Não. Nós ficávamos na escola e tinham reuniões esporádicas que eram marcadas lá na secretaria, aí o pessoal ia, se reunia. Era algo mais esporádico.

F.: Em 2004, então...

E3.: Ficou sendo só lá no CAP. Fizeram o prédio do CAP e todas as reuniões eram exclusivamente lá, semanais.

F.: Vamos para o momento mais atual. Você já me disse que reviam o material mais constantemente em 2004...

E3.: Só mais uma coisa que eu queria acrescentar. No ano de 2004 a Filosofia foi a única turma que a Filosofart mandava o material antes de imprimir e colocarem nos livros, nas apostilas, para ser analisado. Para a gente poder fazer as modificações e depois eles fazerem. Porque nós nunca aceitávamos o que eles faziam. Então eles começaram a mandar antes o material. O nosso formador participava da elaboração das apostilas, ele trazia o material pra gente analisar...

F.: Ele participava na editora?

E3.: Na editora. Ele chegou a ir para Curitiba com o Material...

F.: Custeado pela Secretaria ou...

E3.: Acredito que pela Secretaria de Educação de Barueri. Daí ele apresentava o material para a gente e o grupo analisava e via o que tinha que mudar.

F.: E mudava?

E3.: Digamos que mudava uns 30%...

F.: Mudava, mais nem tanto...

E3.: Nem tanto. Nas outras disciplinas nem isso, era empurrado goela abaixo. Eles sabiam que Filosofia era pedra no sapato deles.

F.: Estamos em 2005, como se desenvolveram os trabalhos desde o início de 2005?

E3.: em 2005 o que acontece? Nós não tivemos uma reunião com os professores de Filosofia só para tratar da apostila. Tivemos uma no início do ano para conversar com a Mariana Lacombe, ela apresentou alguma coisa pra gente e tal, só que ela ficou com receio dos professores. Inclusive eu participei da elaboração e explicitou-se que ela escreveu para professores sendo que o material era para alunos. Nós pedimos que ela refizesse um monte de coisas. Não ficou até muito bem com a Secretaria da Educação porque o pessoal não gostou muito: “você pediram a Mariana Lacombe e agora não aceitam o que ela escreve”. Tem que escrever de acordo com aquilo que nós achamos que é. Não adianta eu viver no Morumbi e escrever para quem mora numa favela de Osasco, por exemplo. São realidades diferentes. Queríamos que ela colocasse algo que fosse mais próximo, mais real.

Depois disso não houve mais um encontro com todos os professores para discutir o material. Não há isso. Tem os cursos que estamos fazendo no CAP que é alfabetização, projetos, são coisas assim que não estão muito dentro da nossa realidade.

F.: Então o formador de cada disciplina foi instinto. Foi levado de volta para a sala de aula sob o pretexto de contenção de gastos. E o trabalho semanal de vocês?

E3.: Está meio perdido. Quando era feito por disciplina, dava para trocar informação, experiência, fortalecia o grupo. Agora, desse jeito, o grupo fica mais fraco, minou a resistência do grupo. A gente encontra um ou outro, porque agora tem reunião todos os dias da semana, com todas as disciplinas, e você faz a sua opção pelo dia. De quinta-feira tem um grupinho. Nesse dia eu encontro alguns amigos de Filosofia, mas outros eu nem vejo mais, nem tenho contato. Isso foi uma forma de fragmentar o grupo, fragmentou o grupo. Tirou a força não só do grupo de Filosofia, mas de outras disciplinas que estavam começando a se fortalecer, a ter a idéia de que a união podia fazer a força e colocar a opinião, impor a opinião do grupo. Eu acho que foi uma maneira de fragmentar isso.

F.: Você acredita que isso tenha sido proposital?

E3.: Eu acredito que sim.

F.: Você comentou de uma reunião no início, em abril, com o Secretário e os professores de Filosofia. Quais as colocações que ele fez?

E3.: Ele chegou e falou: “Eu estou puto com Filosofia”.

F.: Ele usou esse termo?

E3.: Esse termo. Falou “a Filosofia está dando problema. Pessoal quer questionar tudo, quer saber de tudo, por que isso, por que aquilo? Criança não tem que ficar sabendo o por que de tudo. Tanto por que com a criança e só fica nisso. Eu quero ver o resultado de aula. Eu quero professor de Filosofia que mantenha a disciplina, coloque ordem, ensinem os símbolos nacionais, ensine respeito à bandeira, ao hino. E eu estou pensando seriamente em tirar a Filosofia da grade no ano que vem. Se não chegar do jeito que eu quero eu vou tirar”. Foram as palavras dele.

Daí, ele esperava que a gente batesse de frente com ele. Nós falamos até algumas coisas: “Olha, interessante o senhor com essa postura, porque no momento que o senhor está querendo tirar Filosofia da grade, o Estado está implantando mais Filosofia, está ampliando o leque de vagas para professor de Filosofia, está se trabalhando com a importância da Filosofia... me parece que o senhor está remando contra a maré. Pode ser que no meio do nosso grupo tenham professores que não estejam agradando. Não é mais fácil tirar as laranjas que estão dando problema na laranjeira?”

Ele respondeu assim: “Quando eu encontro problemas na laranjeira, eu corto a laranjeira”. Disse dessa maneira.

Respondemos: “Se é essa a opinião do senhor nós não podemos fazer nada. Nós estamos fazendo o nosso trabalho, acreditamos no nosso trabalho, ele está surtindo alguns efeitos, mas é um trabalho de longo prazo. Só que o nosso trabalho está tendo uma ruptura, pois ele vai de 1ª a 4ª e acabou. Por que não estender até a 8ª?”

F.: Você comentou dos efeitos o trabalho surtiu. Quais são eles?

E3.: Os efeitos que podemos verificar é que já temos alunos mais críticos, que não aceitam qualquer coisa. Algumas atitudes tem que ser muito bem explicadas. Vou citar um exemplo de uma menina que foi minha aluna, uma aluna boa; desde a segunda série ela era uma boa aluna, sabia argumentar bem. Procurei estimular a argumentação dela, a leitura. Ela foi até autoridade mirim, foi para Brasília e tudo. Hoje ela está na 5ª série. Ela foi para uma escola

conhecida como Alcino e lá houve um problema com a direção e houve uma intervenção. Houve problemas com alunos e a diretora perdeu o controle da situação. Assumiram dois supervisores da prefeitura. Essa aluna, por ser muito crítica, não aceitar imposições sem justificativa coerente, foi transferida de escola, por ser a única que argumentava, dava problemas, não por bagunça, mas questionar determinadas situações. Os supervisores chegaram e usavam até de algumas arbitrariedades e como ela questionava, foi transferida.

Outra coisa. Com as aula de Filosofia a gente vê alunos mais participativos, começam a cobrar uma aula melhor de outros professores, principalmente quando chegam na 5ª série, começam a perceber quando o professor começa a enrolar um pouquinho, quando o diretor está sendo arbitrário. Se trabalha muito a questão dos direitos e deveres, o que pode e o que não pode. Na quarta série se trabalha o ECA. A gente começa a esclarecer mais e isso começa a incomodar.

F.: Só mais uma curiosidade antes de finalizar. No edital do concurso realizado em 2003, onde alguns professores foram chamados em 2004, constava para professores de Filosofia dez vagas com o salário de R\$ 7,80. Num edital que publicado recentemente pela FIEB, que cuida dos concursos agora da prefeitura...

E3.: Isso.

F.: ... Não saiu o número de vagas, saiu “a vagar”, mas saiu o concurso para Filosofia. O que intriga são duas questões. Primeiro, neste primeiro concurso chamaram todas as dez vagas?

E3.: Isso é duro de saber. Entraram pessoas novas, mas não sei se dá dez¹.

F.: Outra questão que eu achei interessante. O primeiro edital trazia um salário de R\$ 7,80, este segundo traz um salário de pouco mais de R\$ 16,00. Se eu estiver correto, mais do que dobrou o salário em dois anos. Gostaria de saber de você se esse salário realmente dobrou nesse período?

E3.: Não, não! Continua nos \$ 7,80, ainda. A FIEB é algo à parte da prefeitura. Lá o salário é realmente maior, é diferenciado.

F.: Então esse concurso que está tendo da FIEB não é da prefeitura?

E3.: Você não vai ser funcionário da prefeitura, você vai ser funcionário da FIEB.

F.: Mas para dar aula na prefeitura?

E3.: Não. Para dar aula na FIEB. A FIEB é uma fundação que não é ligada à prefeitura em questão de salários.

F.: Eu já havia ouvido da possibilidade de retirada da Filosofia da grade e pensei que isso não iria mais acontecer justamente por estar havendo um novo concurso. Mas esse concurso não é para o município?

E3.: Bom. A FIEB é como se fosse uma autarquia da prefeitura à parte. Você não é diretamente funcionário da prefeitura, você é funcionário da FIEB, que é uma fundação. Então o salário lá é maior.

¹ Do referido concurso só foram ocupadas 3 das 10 vagas oferecidas.

F.: Então esse concurso não era para prefeitura?

E3.: Não. A FIEB é uma fundação que tem ligação com a prefeitura, mas o funcionário não é da prefeitura.

F.: Então não tem nada de dobrar salário nem concurso para a Filosofia no ano que vem?

E3.: Não. A FIEB é ligada ao ITB (Instituto Tecnológico de Barueri), são a mesma fundação. Lá não é totalmente público porque os alunos tem que pagar para entrar e o ITB também é pago. Só entra uma parcela da prefeitura, mas você vai ser funcionário da instituição.

F.: Não haverá então concurso de Filosofia para a prefeitura no ano que vem?

E3.: Para as EMEFs não.

F.: Você comentou a possibilidade de o Secretário tirar a Filosofia da rede. A quantas anda ...

E3.: Aparentemente, segundo colegas de Música, Artes e Ed. Física que tiveram uma reunião com ele, foi dito que ele não vai tirar nada. Vai continuar a mesma coisa. Ele disse que chamou o pessoal de Filosofia, o pessoal de Filosofia melhorou. Nesta reunião ele se voltou contra o pessoal de inglês. Ele não quer mais que o professor de inglês fique trabalhando só o verbo *to be*. Ele apontou a possibilidade de juntar os professores de inglês para que se formule uma apostila única para toda a rede. Talvez ele volte a nos chamar novamente para que façamos um material único, mas nosso. Vejo que já está mudando um pouco a visão dele.

Tirar Filosofia agora é difícil também. De certa forma, o Fantástico nos ajudou, pois a série “Ser ou não ser” virou uma sensação entre os alunos. Eles tiram o material da internet. Trouxeram o “Limite da Razão”, do Kant. Então lemos, expliquei e eles ficaram maravilhados. De certa forma, isso está contribuindo para que a gente permaneça.

F.: Para finalizar, você mostrou no seu relato um movimento onde houve uma implantação inicial. Desta, surgiu uma nova experiência, que pelo que você me disse, está atrelado a mudanças administrativas. No momento atual, houve, posso dizer, um declínio...

E3.: Pode.

F.: ... um declínio em relação aos trabalhos. Do ponto de vista mais global, como você avalia esse histórico que você levantou? Como você avalia tudo isso?

E3.: Eu vejo que a Filosofia aqui em Barueri está de certa forma precisando de um rumo, agora. Teve um rumo inicial em 98, 99, 2000 e 2001, depois, em 2002, 2003 e 2004, ela começou a ter um novo caminho. Em 2005 ficou meio perdido. Penso que em 2006 deve haver uma junção entre esses direcionamentos para se tentar fazer uma coisa nova. Acho que o norte da Filosofia está se definindo.

F.: Você está me falando de uma junção. E a documentação histórica de tudo isso? Se vocês faziam reuniões deviam haver atas e anotações. O que aconteceu com essa documentação, uma vez que essa entrevista se dá justamente pela falta dela?

E3.: Quem deve ter isso aí é o professor (nome do ex-coordenador). Eu acho que ele deve ter esse material.

F.: Se não estiver com ele?²

² Esta pergunta foi feita pois, quando o CAP se tornou sede da Secretaria de Educação, a sala de Filosofia, que era o local onde ficavam guardados esses materiais, foi extinta. Nessa extinção, durante o mês de janeiro de

E3.: No início, quando começou, quem presidia as reuniões era a Sra. Silvia Challupe. Bem no início, 97, 98... ela comandava, organizava, discutia, trocava idéias, e ela foi uma das pessoas que levou o Celso a implantar a Filosofia. Ela implantou na escola dela, “Challupe”, em Barueri. Ela tinha um controle, um registro de tudo, pois ela era muito organizada. Depois vai ter um controle com o coordenador. Nas nossas reuniões, anteriormente, eram tiradas algumas impressões, geralmente com os supervisores, antes de ter os formadores. Ou você vai achar essas coisas com o coordenador ou, se ele passou para alguém, passou para a dona Lucinda, a diretora pedagógica do CAP.

F.: Você falava do rumo...

E3.: O nosso rumo inicial era o CBFC, 98, 99. Fizemos adequações que precisavam, 2000, 2001, 2002. Depois, com a entrada das apostilas a gente mudou de rumo de novo. Porque a apostila não ficou exatamente naquilo que estávamos trabalhando no nosso Plano Comum, então houve aquelas mudanças. Acredito que se tiver uma reunião em 2006 ou no final de 2005, seja para estar direcionando, buscar um rumo definitivo para implantar de vez, colocar a Filosofia de maneira que seja intocável, e a gente pode continuar aí. Pelo menos essa é a minha idéia, se tiver uma reunião, de colocar para o pessoal. Que as crianças peguem o gosto, que os pais peguem o gosto e que insiram a Filosofia cada vez mais nas escolas.

F.: E qual foi o impacto didático? Você deu o exemplo de uma aluna. Como você sente isso no âmbito dos professores?

E3.: Geralmente o professor de Filosofia é visto como meio crítico. Meio “crica”, vamos dizer assim. É visto como aquele que questiona tudo, não aceita as coisas facilmente, os diretores ficam meio com o pé atrás com a gente. Às vezes alguns professores tem a visão de que você tem que saber tudo, o que não é bem por aí. Até uma vez nós tivemos uma reunião lá, o nosso grupinho estava sentado, daí a professora que estava dando a palestra começou a abrir para as perguntas mas disse: “olha, o pessoal de Filosofia não pode fazer pergunta não”. Passou do nosso lado. E dissemos: “Fazer o quê? Se você não quer, por amizade não vou fazer”. A visão que o pessoal tem da gente é que somos muito encrenqueiros. Essa é a visão que nos é passada pelos diretores, coordenadores...

F.: E para as crianças?

E3.: Para as crianças não. A visão que elas tem do professor de Filosofia é daquele professor que às vezes senta no chão, conversa, que se o aluno senta um pouquinho em cima da carteira você não vai ligar, que foge um pouco do um atrás do outro, tudo certinho. É aquele professor que gosta de trabalhar em grupo, que coloca uma questão que faz todo mundo discutir, que chega para o professor e pergunta se é isso ele diz não, pensa, refaz e tal. A visão que eles tem é essa, um professor que eles podem chegar um pouco mais, fazer perguntas, que é um professor que não se preocupa tanto com a questão da disciplina, que não fica exigindo que o aluno fique quieto, um professor que quer que você fale mais, fale coisas coerente – se falar besteira é claro que iremos cortar – mas é um professor que ele pode chegar, pode falar. Tem muitos alunos que chegam, conversam com a gente, tem aquela visão de chegar e estar discutindo algum assunto. Geralmente os alunos de 4ª série que chega mais. Um chegou e me perguntou se eu havia lido sobre Nietzsche, quem foi Platão, coisas que eles ouvem falar e vem perguntar. A visão das crianças é de que o professor de Filosofia é um formador de opinião. Talvez alguns diretores, coordenadores e professores achem que isso é perigoso

porque o professor de Filosofia pode até ser um líder negativo ou positivo, mas que prejudique a atitude deles.

Tem outro exemplo interessante, com um aluno de primeira série. Chegou um aluno diferente lá, agitador, briguento, e a sala não estava aceitando esse aluno. Daí os alunos me perguntaram o que fazer. Eu sugeri que se tentasse conversar com ele mas replicaram que ele bate em todo mundo e que não queriam mais ele na sala. Então eu disse para que eles se reunissem em grupo, registrassem o que foi dito, escrevendo da maneira deles o que ele faz, chame a diretora para conversar e coloquem para ela o que está acontecendo. Dei o espaço da minha aula para que fizessem isso e eles se reuniram em grupo para levantar os problemas.

F.: Quando eles chegaram na 1ª série já estavam alfabetizados?

E3.: Não, nem todos. Pegaram um colega que sabia escrever mais. Pedi a eles então que escrevesse o que ele faz e o motivo pelo qual queriam que ele saísse da sala. Falei que essa era “a única coisa que posso fazer por vocês”. Nisso o molequinho já começou a ficar preocupado. Chamei ele e disse: “Tudo isso está acontecendo por causa das suas atitudes. Depende de você também tentar conversar com eles e mudar”. Eles escreveram, terminou a minha aula e eu fui para a 2ª série e eles foram até a sala que eu estava e me mostraram a carta que fizeram. Foram até a diretora, chamaram-na na sala para conversar. Por fim o aluno mudou de sala. Nesta outra sala ele está bom, tornou-se meu ajudante, faz todas as atividades, não dá trabalho nenhum na sala. Neste exemplo a diretora perguntou aos alunos quem tinha dito para fazer isso e eles responderam que foi o professor de Filosofia. O trabalho da Filosofia é esse: ensinar para eles que o melhor caminho é dialogar, argumentar e resolver seus problemas dessa maneira, conversando. Vê como que é: não pediram essa opinião para a professora da sala, não pediram para música, não pediram para Ed. Física, vieram pedir para mim. É essa visão que eles tem do professor de Filosofia, que é aquele que sabe conversar, sabe ensinar o por que das coisas, é nesse sentido que eu vejo. Esse é o nosso trabalho, ensinar para eles que o caminho é o diálogo.

Teve um dia que estávamos conversando numa sala sobre armas e eles diziam que o poderoso é o fuzil, a bomba atômica, a bazuca, o não sei o quê. E me perguntaram qual é a arma mais poderosa que tem. Eu respondi que a arma mais poderosa é a palavra, pois um soldado só vai soltar uma bomba, só vai dar um tiro, se receber uma ordem; um comandante só vai dar uma ordem se receber uma ordem de alguém. Se eles não podem soltar uma bomba ou disparar um canhão, qual é a arma mais poderosa que tem? A palavra, pois ela pode começar uma guerra como pode terminar a guerra. Eu e os outros professores procuramos trabalhar isso. Eu acho que os alunos começam a ver o professor assim, mais como um conselheiro, como aquele que tem a palavra certa no momento certo.

F.: Como você avalia o trabalho após o anúncio de tirar ou não a Filosofia?

E3.: Acho que não houve tanto trauma assim, ninguém se assustou muito não. Uma das coisas que ficou para ele foi assim, não falamos com essas palavras, que se ele quer tirar está nas suas mãos, mas arque com as consequências depois. Vai tirar, me pagando todos os meus direitos, tudo bem. Então não houve trauma, todo mundo continuou trabalhando do jeito que estava mesmo e acabou. Muitos chegaram e disseram que levamos bronca, mas continuamos trabalhando do mesmo jeito. Não é porque o Homem falou tal coisa que iremos mudar radicalmente nosso jeito de trabalhar. Vamos continuar trabalhando do mesmo jeito.

F.: O grupo hoje tem mais ou menos quantos professores?

E3.: Cerca de trinta.

F.: Esses trinta formam um grupo homogêneo?

E3.: Não, é bastante heterogêneo.

F.: Isso faz com que...

E3.: As aulas se tornem diferentes.

F.: Sei que vocês estão fragmentados, mas você tem alguma notícia se os professores mudaram sua postura em sala de aula após essa reunião?

E3.: Não. Acho que não... Deste grupo novo que chegou, eu acho que são muito radicais. Sabe aquele pessoal que saiu da USP, totalmente radical, acha que está tudo errado... Tem um grupo de professores que ainda não se deu conta que está trabalhando com crianças, trabalham em sala de aula como se estivessem dando aula para o colegial e não é isso, você tem que mudar um pouco. Não dá para esperar que uma criança tenha o mesmo *insite* que um adulto. Alguns precisam realmente mudar a postura sobre isso. Agora isso só vai acontecer se voltarmos a ter reuniões, aqueles que tem mais experiência podem passá-las, dar exemplo de como trabalhar, de atividades... é preciso retomar o alinhamento dos trabalhos de Filosofia, que esse ano estamos perdendo. Principalmente os novos, que não tem a linha mestra do que começamos, devem estar muito perdidos.

F.: Você julgou isso como proposital, em alguma instância...

E3.: Sim. Isso é uma demonstração de que somos um grupo forte, para conseguir fazer um fórum. Cada um fazer, banca daqui, tira dinheiro daqui, reúne, junta, tirar dinheiro do bolso e fazer algo que deu impacto. Botamos faixas pela cidade, chamamos professores doutores da USP, da UNESP, sem esse pessoal cobrar, geralmente esse pessoal cobra para fazer palestra. Conseguimos trazer o professor Lorieri de graça, também. Isso simbolizava um grupo forte e um grupo forte pode mudar idéias, pode transformar. Então eu acho que eles deram uma cortada para evitar problemas futuramente.

F.: Agradeço a sua entrevista, retomando meu compromisso de que você terá acesso às transcrições e a todo o uso que eu farei da sua fala para que eu não fuja dos sentidos da sua fala. Agradeço a atenção e o tempo e vamos aí, em cima desse trabalho, tentar construir de maneira acadêmica e engajada um histórico dessa caminhada.³

³ Após encerrada a entrevista, foi dito que depois de Barueri, desde 2003, a Prefeitura de Pirapora também implantou Filosofia no ensino fundamental.